

Análise dos dados

A entrevista como encontro social de desconforto

Neste capítulo, apresento a análise da entrevista gravada com Lucas, o professor participante da pesquisa, e desenvolvo um olhar crítico-reflexivo frente à interação ocorrida. Para isso, inspiro-me na concepção de entrevista como encontro social, proposta por Mishler (1986), e busco entendimentos sobre o aparente desconforto que se dá ao longo da interação.

Desenvolvo uma análise com um enfoque nos elementos da organização da fala em interação e que trata das avaliações feitas por mim e pelo meu amigo professor sobre os Gêneros Discursivos. Assim, procuro observar quais entendimentos são coconstruídos por nós dois ao longo da entrevista, interpretando como nossas construções discursivas sugerem forte desconforto na interação.

O cerne de toda a análise proposta foi na *fala-em-interação* e na questão goffmaniana “o que está acontecendo aqui e agora?”. Essa questão se mostra importante para a análise dos dados, uma vez que busco compreender de que forma um aparente desconforto foi construído ao longo da conversa por meio de gaguejos, hesitações, *accounts*, modalizações, bem como nas mudanças de enquadre e alinhamento. Também procuro entender como essas marcas discursivas contribuíram para a criação de uma relação assimétrica entre Lucas e eu, reforçando o desconforto.

Dividi a análise em dois momentos: no primeiro, analiso a entrevista gravada e, em um segundo momento, analiso opinião de Lucas sobre a primeira interação. Na primeira parte, dividi a análise em momentos que julguei representativos do desenrolar da interação, com foco nos possíveis momentos de desconforto. Desse modo, inicio com “O Desconforto Inicial”, por perceber que Lucas e eu nos mostramos um tanto inseguros e desconfortáveis nos momentos iniciais da interação. Em seguida, em “Meu Desconforto como Entrevistadora” e em “O Desconforto de Lucas com o seu Saber” analiso como nós dois nos

apresentamos em situações aparentemente incômodas. Logo após, em “O Desconforto é atenuado”, percebo uma mudança, ainda que sutil, nos nossos posicionamentos e inseguranças. Por fim, em “Desaparecimento do Desconforto?” investigo um maior conforto com a interação e um possível desaparecimento de situações incômodas.

Na segunda fase da análise, por sua vez, não faço maiores divisões por entender que os trechos são curtos, bem concisos e com marcas discursivas que se repetem, o que facilita a organização da análise proposta.

4.1 – Primeiro Momento: sobre o desconforto durante a interação

Início a análise apresentando a primeira entrevista gerada com Lucas onde busco compreender como nos mostramos incomodados com a mudança de enquadre ocorrida: de uma conversa despretensiosa entre amigos momentos antes de ligar o gravador, para uma conversa de pesquisa com fins acadêmicos sobre a qual ele não tinha feito nenhuma leitura prévia.

4.1.1 O Desconforto Inicial - *Não... não que eu me lembre assim por esse nome... talvez eu saiba o que é...*

Começo a análise com o início da gravação da interação. Optei por essa abordagem por perceber que desde os primeiros momentos de gravação, Lucas e eu mudamos nosso alinhamento sobre a conversa que mantínhamos minutos antes de ligar o gravador. Ainda que não tenha registros dos instantes que precederam a geração dos dados, percebi que mudanças nos nossos tons de voz e nas nossas escolhas lexicais ocorreram, como também nos papéis que antes representávamos, de dois amigos para os de entrevistadora - entrevistado.

De acordo com Goffman (2012b, p.96), um indivíduo pode ficar nervoso quando engajado numa tarefa que não tenha nenhum valor particular para ele, com exceção de seu interesse de que ele a realize com segurança, competência e diligência. Acredito que isso acontece assim que ligo o gravador, pois a proposta apresentada a Lucas era a de mostrar seus conhecimentos sobre um tema que ele

poderia ou não conhecer, com um propósito para ele não tão próximo, já que era uma entrevista para geração de dados de uma pesquisa para mim.

Trago a seguir o primeiro excerto e também os momentos iniciais da nossa conversa, onde agradeço a participação de Lucas:

Excerto 1

1	1	Gabriela	Vou gravar. então Lucas vamos começar aqui a nossa:: a nossa conversa. é:
	2		>primeiro eu queria agradecer< por você
	3		ter aceitado participar. eu sei que é
	4		<u>chato</u> eu to aqui te atrapalhando enfim
	5		é::
2	6	Lucas	Tá atrapalhando não.

O início da entrevista sugere o clima de desconforto com a interação que se seguirá. Início de maneira insegura, ao apresentar dificuldades ao classificar o tipo de encontro realizado em vamos começar aqui a nossa:: a nossa conversa (linhas 1 e 2), e também quando repito nossa por duas vezes, sendo que na primeira há um alongamento da última sílaba, sugerindo insegurança com minha fala.

Sigo hesitante antes de indicar o propósito da pesquisa, alongando minha fala em *é::*, e acelerando-a em *>primeiro eu queria agradecer<* (linhas 2 e 3), para, em seguida, avaliar negativamente nosso encontro com os adjetivos *chato* e *atrapalhando* (linhas 4 e 5) o que, a meu ver, indica que estou inferiorizando a pesquisa e, por conseguinte, nossa entrevista.

Quando Lucas nos diz que não há incômodo algum em *Tá atrapalhando não* (linha 6), acredito que há um pequeno embate entre Lucas e eu quanto ao papel da entrevista, uma vez que a classifico de uma maneira e ele, aparentemente, de outra ao discordar de mim. Esse pequeno momento de desconforto é suavizado com risos, como apresentarei a seguir, no excerto 2, e que julgo serem sinais de embaraço pela situação ocorrida. Essa impressão foi bem forte durante a interação, uma vez que percebi a maneira como ele se manifestou, pelo seu tom de voz mais sério e direto.

Como nos diz Goffman (2012b, p.95), podemos reconhecer o constrangimento nos outros participantes de uma interação, e até em nós mesmos,

por intermédio dos sinais objetivos de perturbação emocional como: enrubescimento, balbucios, gaguejar, uma voz estranhamente aguda ou grave, a fala trêmula ou entrecortada, suor, palidez, piscadelas, tremor das mãos, movimentos hesitantes ou vacilantes, distração e disparates. Como não realizei a gravação da conversa em vídeo, foco nas manifestações discursivas dos embarras ocorridos, principalmente nas hesitações e gaguejos.

Após o início, tomo o turno para mim, a fim de apresentar e justificar nossa conversa. Por ser um turno mais longo, onde não fui interrompida uma única vez, penso que uma assimetria começa a ser criada, como veremos a seguir:

Excerto 2

3	7	Gabriela	hh ainda bem que a gente é amigo né?
	8		então é: a a minha pesquisa, né no caso
	9		eu busco, eu quero refletir sobre o
	10		>ensino-aprendizagem de língua inglesa
	11		por meio dos gêneros discursivos<. então
	12		para isso, eu tô conversando com você e
	13		vou conversar com outros dois amigos
	14		sobre o que vocês fazem, sobre o que nós
	15		professores fazemos nessa área, enfim, né
	16		e buscar reflexões sobre esse ensino por
	17		meio dos gêneros discursivos. eu comecei,
	18		cheguei nesse tema de pesquisa >primeiro
	19		que eu tive cinquenta milhões de temas de
	20		pesquisa< porque eu fui a um congresso em
	21		São Paulo e lá eu vi que tinha mUITa
	22		coisa sobre gêneros discursivos e ensino
	23		de língua inglesa e eu, depois de a:nos,
	24		que eu já dou aula há oito anos mais ou
	25		menos, comecei com dezessete é: e não
	26		sabia nada sobre, nada teórico, né. então
	27		assim, eu usava muito aquilo e não sabia
37	28		que usava, então eu não sei se eu usava,
	29		né be:m ou ma:l. então assim, aí eu
	30		comecei a pensar sobre isso, né. então
	31		foi a minha a: minha motivação. aí eu
	32		queria falar com você, discutir com você
	33		sobre essa proposta de ensino por meio
	34		dos gêneros, né. isso sobre os gêneros
	35		discursivos isso é novo pra você? você já
	36		tinha ouvido fala:r ou conhece alguma
	37		coisa assim?

Como podemos ver no início do excerto 2, os risos são seguidos de um

account sobre nossa relação como participantes em ainda bem que a gente é amigo, né? (linha 7), o que me parece ser uma tentativa de realinhar os nossos papéis, de entrevistadora e entrevistado para dois amigos com o intuito de minimizar uma possível assimetria. Eu realizo, portanto, o que De Fina (2009 *apud* Vickers et al., 2012, p. 161), na tradição da Etnometodologia, denomina *account*, uma recapitulação de eventos passados construídos como resposta para um explícito ou implícito “por quê” ou “como” de uma pergunta avaliativa feita pelo interlocutor. Ainda que não tenha havido pergunta alguma, me justifico para a avaliação negativa feita por Lucas quando discordamos sobre o papel daquela conversa.

A questão de assimetria se mostra presente mais uma vez nas linhas 8 e 9, quando hesito bastante para começar a falar sobre a pesquisa em si. A hesitação em é: :, o gaguejo em a a, além da dificuldade da escolha das palavras em eu busco eu quero (linha 9) sugerem isso. A preocupação ao se expressar sobre a pesquisa proposta, a falta de objetividade e a escolha, ainda que inconsciente, pela hesitação e reticência também parecem indicar um cuidado com o alinhamento que se constrói.

Ainda sobre o alinhamento e a construção da assimetria, acredito ser importante apontar que em conversar com outros dois amigos sobre o que vocês fazem, sobre o que nós professores fazemos nessa área enfim, né (linhas 13,14 e 15) acredito que há uma preocupação com o alinhamento criado entre nós dois. Em um primeiro momento, me excludo do processo de coconstrução de conhecimento proposto ao me posicionar como mera observadora dos professores que quero conversar, já que reforço que quero saber o que eles fazem, me excluindo do grupo em *sobre o que vocês fazem*. No entanto, logo em seguida, mudo meu posicionamento e me incluo na pesquisa como participante em *sobre o que nós professores fazemos*, ao mudar meu foco de vocês para nós.

A dificuldade de alinhamento que tive ao me enquadrar como entrevistadora e participante ecoa com Gumperz (*apud* Pereira, 2002, p. 11) quando o autor aponta que “as dificuldades tendem a surgir quando indivíduos de diferentes *backgrounds* culturais se comunicam em público, em eventos e fala

como reuniões, entrevistas e em situações de trabalho, o que aumenta a importância dos processos comunicativos”. É o que parece que ocorreu há pouco, quando apresento dificuldades ao me posicionar durante a conversa, talvez por perceber que Lucas e eu temos, naquele momento, papéis e *backgrounds* diferentes que se sobrepõem à nossa amizade.

Nas linhas que se seguem, continuo focada na questão da simetria entre nós dois ao fazer *accounts* que tanto me aproximam de Lucas, quanto me qualificam como participante da pesquisa. É o que ocorre em primeiro que eu tive cinquenta milhões de temas de pesquisa, pois ao apresentar minha insegurança com a escolha do meu tema de pesquisa, acredito que há uma tentativa de diminuir o papel de entrevistadora e acadêmica segura para alguém que também possui suas inseguranças. Além disso, em eu depois de a:nos, que eu já dou aula há oito anos mais ou menos, comecei com dezessete (linhas 23 - 25), percebo que há mais uma tentativa de alinhamento com Lucas, já que a escolha por trazer o tempo em sala de aula me certificaria como participante e pesquisadora.

A relação assimétrica que vem se construindo ganha mais força com a dualidade em meu discurso, já que ao mesmo tempo em que tento me alinhar a Lucas, como mostrado anteriormente, me distancio em outros. É o que acontece em porque eu fui a um congresso em São Paulo e lá eu vi que tinha mUITa coisa sobre gêneros discursivos e ensino de língua inglesa (linhas 20-23). Nesse momento, além de me posicionar como uma pesquisadora que vai a congressos em outros estados, também trago o nome teórico do tema e reforço que há muito material sobre o tema em mUITa coisa, sobre o qual desconhecia, indicando, assim, uma possível falha como professora, talvez como aquela que não conhece algo que deveria conhecer.

Em seguida, tento novamente me realinhar a Lucas, ao dizer que não conhecia nada sobre o tema em e não sabia nada sobre, nada teórico, né (linhas 25 e 26). Entendo que ao reforçar a ideia do não conhecimento colocando o não em posição temática e nada a fim de ressaltar meu posicionamento, há uma tentativa de aproximação com o participante, uma

vez que me coloquei em uma posição superior momentos antes.

Também há um novo *account* sobre o não conhecimento sobre Gêneros quando digo que não conheço nada teórico, tentando proteger minha face ao me justificar que não conhecia nada em termos teóricos, mas que talvez o soubesse na prática em então assim eu usava muito aquilo e não sabia que usava então eu não sei se eu usava né be:m ou ma:l (linhas 26-29). Vejo aqui que minha dificuldade em me alinhar a Lucas, além de sugerir desconforto com a situação, mostra também uma tentativa de construção e manutenção de face. Ao enfatizar meus possíveis lapsos como professora que não sabia sobre o tema em questão, ainda que tenha me posicionado como acadêmica que vai a congressos momentos antes, tento me mostrar “normal”. De acordo com Gumperz (2002, p.57 e 58), quanto mais um indivíduo se desvia daquilo que se espera dele, no caso meu conflito entre ser pesquisadora e professora, mais obrigado ele fica a dar voluntariamente informações sobre si mesmo, como ocorreu com os muitos *accounts* apresentados.

Ao voltar meus olhares para o participante após um longo turno, onde construía e tentava desconstruir a assimetria, acabo por fazer perguntas já presumindo o desconhecimento de Lucas acerca do tema discutido o que, a meu ver, reforça a assimetria entre nós dois. Isso ocorre em vários momentos como em isso é novo pra você? (linha 35), já tinha ouvido fal:ar? (linhas 34 e 35) e em conhece alguma coisa assim? (linhas 36 e 37).

Se uma pessoa sente que está com sua face ameaçada, ou com uma face errada para aquela interação, ela provavelmente se sentirá envergonhada e inferior, bem como desconfortável e chateada com a conversa, uma vez que presumia que o encontro seria uma situação propícia para apoiar uma imagem do seu *eu* à qual ela se sente emocionalmente ligada, mas que agora se encontra ameaçada (Goffman, 2012b, p. 16). Acredito que ao pressupor o não conhecimento de Lucas, exponho sua face, pois me parece que já é dado que, assim como eu antes do mestrado não conhecia o tema, ele também não o conheceria. Construo-o, aparentemente, como alguém que não sabe algo e me posiciono como detentora do conhecimento sobre o tópico discutido.

Após esse momento de exposição da face de Lucas, ele responde minhas

perguntas, mas percebo que ele busca proteger sua face, ao ir e voltar diversas vezes sobre o seu saber e não saber, como podemos ver no excerto abaixo:

Excerto 3

4	38	Lucas	Não... Não que eu me lembre assim (.) por
	39		esse nome. >talvez eu saiba o que é<, mas
	40		(.) o nome TEÓRICO assim, é me soa
	41		familiar, sabe. mas acho que pelo tempo
	42		que: que eu to afastado de: <u>teoria</u> eu não
	43		conseguiria explicar o que é...

O turno de Lucas se inicia com um gaguejo, além de duas negações, sugerindo que ele se sentiu desconfortável com as perguntas feitas. Ele logo confirma o seu desconhecimento acerca dos Gêneros Discursivos, para, em seguida, fazer um pequeno *account* sobre esse não saber em Não que eu me lembre assim (.) por esse nome (linhas 38 e 39). Vale ressaltar que a escolha pelo Presente do Subjuntivo em que eu me lembre (linha 38) sugere incerteza e insegurança ao se posicionar frente ao tema.

Lucas segue se contradizendo ao negar conhecer o tema, para logo em seguida realizar um *account* sobre o seu não saber, o que me parece ser uma tentativa de tirar uma possível culpa por não dominar o tema da pesquisa. Assim como o faz ao culpabilizar sua memória, já que ela pode ser o motivo dele não ter conhecimento sobre o tema. Creio que essa tenha sido a maneira por ele encontrada para proteger sua face nesse momento da entrevista, que se mostra assimétrica entre nós dois.

O trecho que se segue pode ser entendido como sendo de altos e baixos em função da dicotomia Saber X Não Saber. Quando Lucas diz >talvez eu saiba o que é< mas o nome TEÓRICO assim, é me soa familiar, sabe (linhas 39-41), ele inicia com o advérbio de dúvida talvez, colocando em dúvida se realmente sabe do que se trata o tema, para logo após se justificar dizendo que talvez não o conheça pelo nome teórico ao utilizar a conjunção adversativa mas; para, finalmente, sugerir que pode até mesmo saber coisas sobre os gêneros, mas não pelo seu nome. Acredito que ao fazer isso, Lucas tenta proteger sua face ao negar e justificar seu não saber. O

aparente desconforto com essa tentativa de manutenção da face pode ser visto com a mudança em seu tom de voz, como na ênfase em TEÓRICO, e em sua fala acelerada em >talvez eu saiba o que é<.

Por fim, Lucas utiliza novamente o *mas* (linha 41) para voltar atrás em seu posicionamento e contrastar com o que acabara de afirmar. Quando nos diz *mas acho que pelo tempo que: que eu to afastado de: teoria eu não conseguiria explicar o que é...* (linhas 41-43), Lucas exterioriza o seu não conhecimento, agora indicando que por estar afastado dos estudos e das teorias ele não conseguiria explicar o que seriam os Gêneros Discursivos. A escolha por *conseguiria explicar* também me chamou a atenção, pois ele não opta por dizer que não o sabe ou desconhece o tema, mas sim que teria dificuldades em explicar como um bom professor faria. No entanto, entendo que saber e saber explicar são coisas um tanto quanto diferentes. Enquanto acredito que, ao explicar alguma coisa, a pessoa precisa de um certo domínio da área, somente saber não exige tanto *expertise*. Seu desconforto com essa situação de não saber explicar o que foi perguntado pode ser percebido no seu gaguejo e alongamento de fala em *que: que* (linha 42) e na ênfase dada nas palavras *afastado* e *teoria* (linhas 42).

Vejo nesse excerto, portanto, diversas estratégias utilizadas para diminuir o incômodo de Lucas com a entrevista. Os gaguejos, as contradições, as mudanças em sua prosódia e também suas justificativas, me parecem formas de compensar as vezes em que sua face de bom professor fora ameaçada por mim e que se não fossem reclamadas por práticas discursivas defensivas, seu papel seria cada vez mais ameaçado ao longo da interação. Em alinhamento com o que nos diz Goffman (2011, p.22), Lucas se preocupa em recuperar sua imagem de professor competente naquele contexto, visto que “são constantemente empregadas práticas preventivas para evitar embaraços e rupturas na definição dos atores sociais”.

Ao terminar de ouvir as respostas de Lucas, volto a questioná-lo sobre o que ele conhece a respeito de Gêneros Discursivos e, após uma nova negativa, sugiro uma explicação, como apresento no excerto 4, a seguir:

Excerto 4

5	44 45 46 47 48	Gabriela	Explicar o que é. Entendi. é... mas assim ensinar por meio de gêneros você lembra de alguma coisa em relação a isso? Assim, ah ensino por meio de gêneros... Nada nada vem na sua cabeça, né?
6	49	Lucas	Não não...
7	50 51	Gabriela	Você <u>gostaria</u> que eu te falasse alguma coisa sobre?
8	52	Lucas	Sim.

Ao retomar o turno, insisto no saber ou não do participante, enfatizando a questão da memória, além de sempre retornar ao nome teórico do tema. Ainda que Lucas já tivesse explicado que não conhece o assunto pelo nome que apresentei, insisto nisso em você lembra de alguma coisa em relação a isso? (linhas 45 e 46), expondo, mais uma vez, a face do participante.

Involuntariamente, sigo intensificando a assimetria entre nós dois ao repetir por duas vezes nada (linhas 47 e 48) e buscando uma resposta mais direta de Lucas. Creio que a escolha pela palavra nada intensificou a assimetria e aumentou o desconforto para Lucas, posto que causei certo embaraço ao evidenciar que não há conhecimento algum sobre o que nos propusemos a falar naquela entrevista.

Lucas responde de maneira direta, diferentemente do que fez um pouco antes quando se justificou e modalizou de maneira intensa. Proponho, então, uma explicação para o que seriam os Gêneros Discursivos, mas o faço, novamente, de modo assimétrico, ao evidenciar os nossos papéis dentro da interação e colocando-me como pesquisadora e detentora daquele conhecimento e Lucas como aprendiz. Ele concorda com minha proposta de forma direta o que, a meu ver, indica um certo desconforto com o alinhamento que criei ao nos colocar em papéis distintos.

4.1.2 Meu desconforto como entrevistadora - *então, aí seria uma coisa meio tipo assim. mas acho que resumindo muito seria isso, né*

Dando continuidade à conversa, julgo que nesse segundo momento da

análise, mostro-me não só nervosa e incomodada com a posição que adquiro ao apresentar o conteúdo, mas também preocupada em como fazê-lo. Por diversas vezes percebo um realinhamento com Lucas e uma preocupação com a posição que adquiro ao longo da interação. É o que acontece no excerto 5, ao dar uma longa explicação sobre o que seriam os gêneros.

Excerto 5

9	53	Gabriela	Tá... então hoje eu vindo aqui no ônibus
	54		eu vim lendo dois livros. até eu posso
	55		até te mostrar aqui alguma coisa. não é
	56		nada demais, mas antes de te mostrar aqui
	57		eu podia até te falar. Então, o que
	58		acontece quando a gente: na vida, eu vou
	59		tentar falar bem, né enfim eu vou tentar
	60		explicar bem básico, né é: quando a gente
	61		tá: numa relação >na vida cotidiana< a
	62		gente se comunica por meio dos gêneros.
	63		Então, assim se eu vou numa padaria e
	64		peço um <u>pão</u> aquela maneira que eu peço um
	65		pão vai ser repetida por várias outras
	66		pessoas que pedem o pão também. quando eu
	67		encontro com um amigo para ir num cinema,
	68		quando a gente vai combinar de ir pra um
	69		cinema ou alguma coisa assim aquela
	70		combinação de ir pro cinema vai ser
	71		sempre, quase sempre parecida a o formato
	72		de usar as mesmas palavras ou a mesma
	73		estrutura vai ser bem semelhante. então
	74		assim, isso seria um gênero, né. aí a
	75		teoria que existe por trás disso é que
	76		esses gêneros são discursos relativamente
	77		estáveis, ou seja, a gente escolhe se
	78		comunicar sempre por por ah: esses
	79		gêneros de certa forma estáveis para
	80		facilitar a nossa comunicação humana.
	81		então nos cursos de inglês seria mais ou
	82		menos assim é: ensinar como um é aquela
	83		coisa <i>salesperson</i> e pra vender uma bolsa.
	84		Então, assim aqueles tipos de <u>diálogo</u>
	85		seria alguma coisa por isso, entendeu?

Quando inicio minha explicação, logo me posiciono como alguém que lê, que estuda e, ao trazer o livro para o assunto, julgo me distanciar ainda mais de Lucas. Por formalizar a construção do conhecimento transferindo o saber para um objeto externo, o livro, acredito que crio uma situação de desconforto ao oferecê-lo ao participante. Isso ocorre quando digo eu até eu posso até

te mostrar aqui alguma coisa. não é nada demais (linhas 54-56) para, logo em seguida, me mostrar tão capaz de explicar sobre o tema quanto o livro em mas antes de te mostrar aqui, eu podia até te falar (linhas 56 e 57), me construindo, assim, como acadêmica, e talvez alguém superior a ele.

A construção de identidade apresentada acima chama minha atenção para a importância dada ao papel que “devo” desempenhar na entrevista. Entendo que as identidades sociais são construídas no discurso e, para tanto, corroboro a posição de Moita Lopes (2003, p. 24 - 27) que reafirma que a centralidade da construção discursiva das identidades sociais, o que quer dizer que “quando vamos investigá-las as identidades não estão prontas e fixas, mas sim situadas nos processos discursivos de suas construções”. Daí dizer que as identidades sociais são “construções sociais e, portanto discursivas, visto que aprendemos quem somos nos encontros interacionais de todo o dia”.

Ainda que o foco deste trabalho não recaia nos estudos identitários, julgo importante ressaltar tal posicionamento. A questão da assimetria criada se articula por muitas vezes com as construções identitárias feitas, nesse sentido, quando em situação de entrevista, aqui entendida como encontro social como proposto por Mishler (1986), ao me preocupar com o papel criado para mim e, conseqüentemente, no papel proposto para Lucas, nossas construções identitárias parecem contribuir para as situações de desconforto. Acredito que isso ocorre pois não só nos preocupamos com a manutenção da nossa face ao longo da interação, como também com a construção de nossos papéis sociais de professor e pesquisador. Dessa forma, vejo que nosso desconforto se deve à preocupação que temos com a construção e reafirmação de nossos papéis sociais.

Logo após a situação com a leitura ou não do livro, busco apresentar o tema de modo sucinto e objetivo, mas acabo por fazê-lo de maneira assimétrica ao indicar tal fato. Meu desconforto pode ser visto nas hesitações e na escolha por uma explicação básica em eu vou tentar falar bem, né enfim, eu vou tentar explicar bem básico, né, é: (linhas 58-60). Acredito que, ao ser imprecisa logo no começo da fala, ainda que fique clara minha intenção, parece que menosprezo o conhecimento que Lucas possui, daí a

necessidade de fazê-lo de maneira simplificada. Ao alongar o né, é: (linha 60), logo após ter dito que faria uma explicação bem básica (linha 60), até mesmo com o uso do intensificador bem, mostro desconforto e certo embaraço ao perceber a assimetria criada.

Sigo com uma explicação sobre o que seriam os gêneros discursivos por meio do uso de exemplos e até mesmo de citações de especialistas na área. Ao trazer a definição de gêneros dada por Bakhtin (2000), ainda que não o cite diretamente, em a teoria que existe por trás disso é que esses gêneros são discursos relativamente estáveis (linhas 76 e 77), percebo um novo distanciamento de Lucas, aumentando a assimetria criada até então. Acho importante mencionar que ao dar exemplos acerca do tema, são poucas as hesitações e os gaguejos apresentados sugerindo um aparente desembaraço nesse momento ao tratar do tema nas linhas 63 a 71.

Contudo, devo ressaltar que não associo diretamente a assimetria que vem se construindo como única causadora de situações desconfortáveis. Percebo que elas se intensificam em momentos assimétricos, e que pode vir a causar incômodos tanto em Lucas como em mim, mas julgo que outras questões como o desconforto com o enquadre entrevista, assim como o saber ou não sobre a teoria do tema proposto também o são.

No excerto 6, por exemplo, trago momentos onde me mostro insegura com meu papel de fala, aparentemente, dissociado de questões ligadas à assimetria, como podemos ver a seguir:

Excerto 6

10	86	Lucas	Sim, sim. tá.
11	87 88 89 90 91 92 93	Gabriela	Então, assim não vou nem pro livro não, bobeira. então aí seria uma coisa meio tipo assim. mas acho que resumindo muito seria isso né. seria essa maneira que a gente usa pra se comunicar e que ela é de certa forma estável. e os cursos usam muito disso...
12	94	Lucas	Sim
13	95 96	Gabriela	...pra ensinar entendeu? Então agora entendendo, fazendo um panorama bem geral

97		sobre o que seriam esses gêneros
98		discursivos, você você você consegue
99		pensar na sua prática de que forma você
100		ensina ou que você utiliza isso?

Nesse momento, ao ser perguntado se entendeu ou não sobre o que expliquei, Lucas é direto e assertivo, o que parece indicar um incômodo com o alinhamento criado, entre aquela que sabe e o que não sabe ao repetir o *sim* por duas vezes e ainda concluir com *tá* (linha 86) para garantir que compreendeu o que falei.

Meu turno, por sua vez, se inicia com avaliações negativas sobre termos que ir ao livro a fim de aprofundarmos sobre o assunto. Faço isso ao utilizar *não* por duas vezes e *nem* (linha 87) em uma mesma frase, além de avaliar pejorativamente tal ação em *bobeira* (linha 88). Acredito haver aqui uma tentativa de realinhamento com Lucas ao retirar da interação um elemento externo, o livro, que só é familiar a mim.

A insegurança se mantém presente em minha fala quando digo *então*, *aí* seria uma coisa meio tipo *assim*. mas acho que resumindo muito seria isso, né (linhas 88 - 90) já que uma certa insegurança de minha parte se evidencia ao evitar ser direta e usar expressões como *coisa tipo assim* e *seria isso* visto que não remetem diretamente a nada dito anteriormente, somente dão uma vaga noção do que acabara de tratar.

A hesitação continua em minha próxima tomada de turno quando uso de maneira excessiva o pronome *você* e ainda gaguejo em *você você você* consegue pensar na sua prática [...] (linha 98 e 99); e me parece que tal hesitação se dá por conta da passagem do turno mais uma vez para Lucas. Acredito que ao tratar novamente sobre o conhecimento de Lucas a respeito de Gêneros Discursivos, me mostrei hesitante ao passar a palavra para ele e talvez criar uma assimetria ainda maior que a já estabelecida.

Também percebo uma aparente preocupação em não expor a face do participante ao focar em sua prática e tentar sair um pouco da busca pelos seus conhecimentos teóricos acerca do tema. Acho que essa foi uma tentativa de

minimizar a assimetria entre nós dois e integrá-lo um pouco mais à coconstrução de conhecimento proposta para aquela conversa. Essa preocupação se alinha com o que fora proposto por Goffman quando nos fala sobre a preocupação que temos ao expor a face dos participantes de uma conversa e, em especial, sobre como isso pode levar ao constrangimento e desconforto:

Parece ser uma obrigação característica de muitas relações sociais que cada um dos membros garanta apoiar uma certa fachada para os outros membros em dadas situações. Assim, para prevenir uma perturbação dessas relações, é necessário que cada membro evite destruir a fachada dos outros. Ao mesmo tempo, frequentemente é a relação social da pessoa com outros que a leva a participar de certos encontros com eles, em que ela acabará dependendo deles para manter a fachada. Além disso, em várias relações, os membros compartilham uma fachada de forma que, na presença de terceiros, um ato inapropriado por parte de um membro se torna uma fonte de constrangimento agudo para os outros membros. (Goffman, 2012b, p 47)

Na subsecção 4.1.3, a seguir, mostro um outro lado do desconforto construído ao longo da interação. Após apresentar o tema e ter turnos longos e cheios de explicação, chega a hora de Lucas se posicionar acerca do nosso tema de pesquisa, como apresentarei a seguir.

4.1.3 O Desconforto de Lucas com o seu Saber - *então eles trabalham com aquilo que já tá, né pré modelado. ↓seria... mais...*

Como dito anteriormente, apresento aqui o posicionamento de Lucas, com explicações para seu entendimento sobre o assunto discutido e, mais especificamente, sobre como o utiliza em suas aulas. No excerto 7, apresento seu primeiro momento de tomada de um turno longo, onde mostra, ainda que hesitante, como encara a utilização dos Gêneros Discursivos em sala de aula.

Excerto 7

14	101	Lucas	É ... a gente a gente >trabalha muito< com
	102		diálogos prontos né e: em situações
	103		diversas então, assim são principalmente
	104		no início >principalmente no início< do
	105		da aprendizagem né que é aquele <i>survival</i>
	106		<i>English</i> . assim aí a gente aprende, né
	107		como se comunicar em situações do tipo

108		"ah é quero comprar uma roupa" ou "ah eu
109		quero saber aonde fica tal lugar" ou
110		"tipo eu to num restaurante" e são
111		situações assim, sabe e geralmente os
112		alunos são incentivados a reproduzir esse
113		diálogo. é em sala, principalmente nesses
114		níveis iniciais, que eles ainda não tem
115		muita capacidade de manipular a língua
116		por conta própria, então eles trabalham
117		com aquilo que já tá né <u>pré</u> modelado.
118		↓seria... mais...

No início de sua fala, Lucas se mostra hesitante com o início de sua resposta como pode ser visto no alongamento de *é...* (linha 101). Ele segue demonstrando desconforto ao gaguejar e repetir por duas vezes a gente (linha 101) o que chama atenção para o fato de ele ter retirado a responsabilidade daquela fala somente dele para um todo, no caso, todos os outros professores. Acredito que a retirada da agentividade dele para um grupo maior, lembrando que *você* foi bastante frisado na pergunta feita anteriormente, sugere uma voz mais ampla, incluindo não só a dele, como também a de todos os professores, como uma espécie de porta-voz. Vejo aqui uma tentativa de proteger sua face já que não é somente ele que se responsabiliza pelo que será dito, mas sim todo um grupo, uma classe.

Outro elemento de sua fala que chama atenção foi o uso do marcador discursivo *né* que, entre as linhas 102 e 103, apareceu três vezes. Ainda que entenda que o "*né*" faça parte do discurso oral, sendo até mesmo pertencente ao estilo da pessoa - em outras palavras, uma maneira peculiar que cada pessoa usa para se expressar, característica de sua personalidade, por exemplo - além de não ter mais somente o sentido de "*não é*" como para somente um marcador discursivo; acredito que neste caso ele demonstre incômodo com o que está sendo dito. Percebo aqui insegurança, além da necessidade de aprovação e confirmação sobre o que está sendo falado. Acho que tal repetição nos mostra que o participante não se sente seguro sobre o que fala, talvez pela falta de alinhamento comigo devido a assimetria que vem se construindo e aumentando cada vez mais ao longo da interação.

No entanto, vejo uma mudança de postura logo após tantos momentos de insegurança. Esta se dá pela quantidade de exemplos que Lucas utiliza para

mostrar como usa os Gêneros Discursivos em sua sala de aula, sem falar da mudança de postura ao citar os exemplos. Lucas passa, então, a usar menos modalizações e marcas discursivas que denotam insegurança e desconforto, como o gaguejo e hesitações, e em seu lugar passa a usar construções que exprimem certeza como em aí a gente aprende (linhas 106), os alunos são incentivados a reproduzir (linhas 111 e 112), eles ainda não tem muita capacidade (linhas 114 e 115) e então eles trabalham com (linha 116 e 117).

Ainda assim, Lucas se coloca novamente em uma posição inferior à minha e demonstra insegurança ao final de seu turno. Ao término de sua fala sobre o que seriam os gêneros em sua sala de aula, ele se coloca como alguém que precisa de confirmação sobre a veracidade do que acabara de falar. Ele o faz de maneira reticente, sem nem mesmo terminar sua frase em ↓ seria... mais... (linha 118), além de abaixar seu tom de voz e ser reticente em dois momentos, evitando concluir a frase que seria, a meu ver, “seria mais ou menos isso?”.

Também acredito que ao escolher retomar a assimetria já criada, Lucas mostra seu desconforto com aquela interação, já que precisa sempre retornar à posição a ele dada, de alguém que não conhece o tema da conversa. Em consonância com o que nos diz Goffman (2012b, p. 102), o constrangimento, como o que acabara de ocorrer, tem a ver com expectativas não realizadas, levando em consideração que os participantes sentirão que tipo de conduta deveria ser mantida como a apropriada, no caso a volta à construção do papel inferiorizado de Lucas.

Depois desse final onde Lucas busca confirmação sobre tudo o que falou, não confirmo ou legítimo o que ele apontou, na verdade emendo com uma nova pergunta, como podemos ver no início do excerto 8.

Excerto 8

15	119	Gabriela	Entendi. você acha que isso empodera o
	120		aluno por exemplo se ele precisar usar o
	121		inglês dele numa situação real? isso dá o
	122		poder, do aluno conhecer esse gênero numa
	123		situação REAL ↓ assim?

16	124 125 126 127 128 129 130 131 132 133 134 135 136 137 138 139 140 141	Lucas	Eu acho que sim. quando quando é aplicado quando é mostrado pro aluno que aquilo é uma situação real né num primeiro momento >num primeiro momento< ele vai conseguir utilizar-se daquilo pra se comunicar. Claro que por conta do diálogo <pré-formado> ser uma coisa muito: é... assim tem uma forma muito fixa às vezes no no dia a dia as pessoas não a a linguagem >a língua não é assim< né. Não é aquela coisa fechadinha a pessoa pode escolher falar uma outra coisa naquele momento, mas eu acho que principalmente pra um aluno iniciante é importante porque, além dele tá entendendo aquele diálogo naquela situação ele tá entendendo algumas questões gramaticais até de como formar de como as frases são formadas...
17	142	Gabriela	Entendi.
18	143 144	Lucas	Então assim ajuda também nessa parte gramatical.

Por não confirmar, nem mesmo corrigir ou acrescentar novas informações ao que Lucas falou, acredito que busco diminuir o desconforto criado até então. Ao incentivá-lo a continuar falando sobre o que sabe com uma nova pergunta, creio que o instigo a prosseguir com sua fala de maneira mais livre e confortável.

Ainda assim, Lucas parece continuar desconfortável ao tratar do assunto. Percebo esse incômodo logo no início de seu novo turno com as hesitações nos gaguejos em quando quando é aplicado (linha 124), e, além do gaguejo, na mudança em sua prosódia em num primeiro momento >num primeiro momento< (linhas 126 e 127).

Além do mais, sua escolha por itens lexicais mais formais chamou minha atenção, como na escolha por utilizar-se (linha 128). Creio que tal escolha sugere que o professor busca proteger sua face, já que por, aparentemente, não ter informações sobre o assunto discutido ele opta pelo uso de uma linguagem um tanto quanto mais rebuscada a fim de recuperar seu espaço identitário de professor “que sabe” e de se realinhar comigo, como entrevistadora.

No entanto, do meio para o final de seu turno, percebo que Lucas conquista um pouco de confiança e seus momentos de desconforto parecem

desaparecer. É o que acontece quando, nas linhas 133 a 141, ele mostra mais certeza ao diminuir o uso de modalizações, como em Não é aquela coisa (linhas 133 e 134) e pra um aluno iniciante é importante (linhas 136 e 137), sem falar na falta de momento de gaguejos, repetições e hesitações, dando lugar, assim, a uma fala mais direta e corrida.

Essa nova postura adotada por Lucas no final de sua fala, parece registrar uma nova fase em nossa interação, ainda que existam momentos de desconforto e hesitações, estes são intercalados com outros de maior certeza e confiança sobre o que é comunicado. É isso que busco apresentar na seção a seguir.

4.1.4 O Desconforto é atenuado - Mas po você não precisa de um diálogo pré-montado pra um aluno de avançado, entendeu?

Neste novo momento, Lucas se mostra um pouco mais confiante em suas falas, como podemos ver nos seus turnos mais longos e pela diminuição dos gaguejos e hesitações que apresentarei aqui. Nesse sentido, julgo que a análise de trechos selecionados seja mais representativa, e não mais a análise da interação turno a turno, uma vez que algumas das análises se mostrariam repetitivas e enfadonhas.

Assim sendo, inicio essa seção com o excerto 9, no qual Lucas avalia o uso dos Gêneros Discursivos em sua sala de aula, conforme perguntado alguns turnos antes. Nesta parte, ele continua expressando sua opinião sobre tal utilização.

Excerto 9

26	186 187 188 189	Lucas	No dia a dia dele exatamente. e então assim, eu utilizo muito isso em sala de aula e é muito utilizado. e eu acho que é eficiente sim num primeiro momento...
27	190	Gabriela	Por que você diz primeiro momento assim?
28	191 192 193 194 195 196	Lucas	Porque eu eu acho assim que o esperado é que conforme o aluno avance, ele consiga usar, ele consiga personalizar. é personalize né que eles chamam assim, né. Que ele consiga usar aquilo, né com autonomia, sabe. Eu não acho legal um

197		aluno, sei lá intermediário, por exemplo,
198		ou pré avançado ficar trabalhando com com
199		coisas já pré montadas. Eu acho que ele
200		nesse ponto ele já tem que ter autonomia,
201		sabe? pra poder formar o seu próprio
202		discurso diálogo, né.

Ao avaliar positivamente o uso dos Gêneros em sua sala de aula em eu acho que é eficiente sim (linhas 188 e 189), além de nos dizer que o utiliza muito em seu dia a dia em eu utilizo muito isso em sala de aula e é muito utilizado (linhas 187 e 188), percebo aqui um poder de fala de Lucas. Acredito que ao enfatizar com muito e avaliar sua aplicabilidade em eficiente, ele não só nos diz que entende sobre o que está falando, mas também se mostra capaz de julgá-lo como sendo bom ou ruim. Ao fazer isso, parece que ele busca manter o alinhamento alcançado nos turnos que antecederam, visto que ele mostra seu conhecimento acerca da utilização do tema debatido, nos dizendo que pode até mesmo avaliá-lo quanto à sua aplicabilidade ao ensino de Língua Inglesa.

Já no turno 28, Lucas se mostra ainda mais firme em seu posicionamento quando enfatiza o uso do “eu”, ao contrário do que foi feito no começo da nossa conversa quando trazia “a gente” e “nós” na maior parte do tempo, e ao julgar por diversas vezes o tema em eu eu acho assim que o esperado é (linha 191), eu não acho legal (linha 192) e eu acho que ele nesse ponto (linhas 199 e 200). Percebo aqui que após passado o desconforto inicial e os muitos momentos de assimetria, Lucas se vê apto a julgar e falar sobre o assunto proposto, agora não só aparentemente já conhecido, como também familiar.

Além disso, a repetição do uso do “eu” sugere uma vontade de manter seu novo papel dentro da interação e uma maior agentividade, Lucas agora se mostra não mais como mero professor dentre os demais que representava, mas sim como ele mesmo, o dono de sua fala.

Contudo, um novo momento de desconforto parece surgir ao ser perguntado sobre sua opinião em relação aos cursos de idioma nos quais atua, como mostrado abaixo:

Excerto 10

30	208 209	Lucas	Então é é: depende tem tem curso que eu trabalho que...
31	210	Gabriela	Pode falar o nome. Não tem problema.
32	211	Lucas	Posso falar? Ah tá. Então...
33	212	Gabriela	Depois a gente corta (risos).

Percebo aqui mais um momento de desconforto com a entrevista devido à presença de gaguejos e hesitações. Quando Lucas diz é é... (linha 208), tem tem (linha 208), trabalho que... (linha 209), creio que ao repetir elementos e ao hesitar na hora de completar suas frases, acredito que Lucas toma consciência da gravação que está sendo feita e de um possível perigo para sua vida profissional ao falar o nome dos cursos onde atua.

Também percebo uma mudança no enquadre, já que o que até poucos instantes atrás parecia uma conversa entre dois amigos alinhados simetricamente, agora muda para o enquadre entrevista onde reassumo o papel de entrevistadora e o autorizo a falar o nome dos cursos, Pode falar o nome. Não tem problema (linha 210). Logo após, Lucas pede permissão para prosseguir, evidenciando ainda mais os novos enquadre e alinhamento em posso falar? (linha 211).

Seguimos com o tópico “os Gêneros Discursivos nos cursos de idiomas” por mais algum tempo, até que ao ser perguntado se o curso B usa os Gêneros Discursivos até seu último nível, Lucas nos diz:

Excerto 11

48	261 262 263 264 265 266 267 268 269 270 271	Lucas	É. e com situações assim que não são necessárias mais, sabe. situações que que foi aquilo que eu te falei, eu acho que o diálogo ele é muito mais importante no início que o aluno ainda não tem aquela sagacidade, entendeu? ele ele trabalha coisas de <i>survival English</i> . Mas po você não precisa de um diálogo pré-montado pra um aluno de avançado, entendeu? de uma situação muito específica sabe aí eu já acho...
----	---	-------	---

Nesse momento da interação, Lucas volta a se mostrar confiante, como

sugerem os poucos momentos de modalidade em seu discurso em que não são necessárias mais (linhas 261 e 262), o diálogo ele é muito mais importante (linha 264) e você não precisa de um diálogo pré-montado (linhas 267 e 268). Creio que sua convicção marca, mais uma vez, a transformação que ocorreu ao longo da conversa, já que nesse ponto Lucas se mostra conhecedor do assunto não tendo necessidade de modalizar para relativizar seu posicionamento.

Além do mais, percebo que os “nós” encontrados no início da conversa, dão lugar para os entendeu? (linhas 266 e 269), sugerindo que ele não busca tanto assim uma validação para o que diz, mas sim uma checagem sobre o meu entendimento acerca do que ele acabara de explicar.

Essa transformação no posicionamento de Lucas, de inseguro e reticente para confiante e assertivo, parece se manter, aparentemente, até o término de nossa conversa. Ainda que alguns momentos de desconforto apareçam, eles são sutis e em situações específicas. Na próxima seção pretendo mostrar como Lucas se constrói de maneira diferenciada do início da conversa.

4.1.5 Desaparecimento do Desconforto? - >mas aí já é uma opinião<

Conforme dito anteriormente, busco mostrar nessa seção alguns trechos nos quais o desconforto desaparece quase por completo, entendendo que esse novo posicionamento se mostra importante por contrastar com os momentos de desconforto apresentados até então.

Selecionei, então, o turno 74 a fim de mostrar o que percebi de firmeza neste trecho, como também o que vi de semelhante com os demais momentos de confiança no discurso de Lucas. Assim sendo, apresento a seguir a resposta de Lucas ao ser indagado sobre a importância do aluno ser apresentado aos mais diferentes Gêneros Discursivos para, assim, acrescentar seu próprio conteúdo de forma autônoma.

Excerto 12

74	386	Lucas	Sim, claro! tanto que por isso que assim,
	387		>mas aí já é uma opinião< sabe eu acho
	388		que o aluno, por exemplo se fala muito de
	389		intercâmbio. não sei o que o que eu acho
	390		que é legal o aluno viajar pra fora pra
	391		entrar em contato mas eu acho que é
	392		depois de um tempo. eu acho legal ele ter
	393		uma base assi:m, fazer dois anos de
	394		curso, três. pra depois ele se lança:r...

Lucas começa modalizando bastante ao ser assertivo em sua resposta em *sim, claro!* (linha 386), pois entendo que ao trazer dois elementos que denotam certeza, como o *sim*, e logo após *claro*, creio que essa escolha nos mostra maior confiança no que ele nos diz, ao contrário das reticências e modalizações usadas para suavizar sua posição antes utilizadas. No entanto, logo após, ele protege sua face com um pequeno *account* sobre sua opinião em relação aos intercâmbios, *>mas aí já é uma opinião<* (linha 387), além do uso excessivo de “eu acho” antes de cada opinião dada (linhas 387, 389, 391, 392). Acredito que ao reforçar que o que está sendo dito é sua visão acerca do caso, ele busca proteger a sua face ao tirar o peso de verdade sobre o que fala, delegando-a à sua opinião.

Um pouco mais a frente, no turno 78, ele continua a opinar acerca dos intercâmbios e seus desdobramentos dentro do processo de ensino-aprendizagem do aluno. E, novamente, ele se mostra bem seguro de sua fala, como podemos ver a seguir:

Excerto 13

78	410	Lucas	Exatamente. >não to falando que você não
	411		vá aprender< você <u>pode</u> aprender, mas eu
	412		acho que tem mais chances de ser
	413		traumático. Mesmo porque, pela minha
	414		experiência, eu vejo que as pessoas
	415		principalmente o adulto é: ele chega ->
	416		no caso, eu to falando isso aqui mais pra
	417		adulto tá?< porque é o que eu tenho mais
	418		experiência - O adulto ele é <u>muito</u>
	419		sensível ainda em relação à língua.
	420		assim, ele se sente muito mal,
	421		traumatizado. Então eu acho legal ele ter

	422		uma base sabe. Adolescente é outra coisa.
--	-----	--	---

Assim como no excerto 12, Lucas utiliza muito poucas modalizações, sendo bem assertivo em o adulto ele é muito sensível (linhas 418 e 419) e adolescente é outra coisa (linha 422), ao contrário de como se mostrou no início de nossa conversa. Outro aspecto que chamou minha atenção foi o fato de ele utilizar-se de dois *accounts* referentes ao seu tempo de atuação como professor, como se o uso de sua experiência em sala de aula o certificasse para o que está sendo dito, como podemos ver em mesmo porque, pela minha experiência (linhas 413 e 414) e em no caso, eu to falando isso aqui mais pra adulto tá?< porque é o que eu tenho mais experiência (linhas 416-418).

É importante mencionar que nessa segunda fase da interação, onde Lucas se posiciona de maneira mais confiante e onde os momentos de desconforto diminuíam, me posiciono mais como ouvinte, interferindo muito pouco em suas falas. Creio que por ter me preparado para uma entrevista semiestruturada, percebi que esses momentos seriam de grande valia para minha análise e interferi o mínimo possível.

Ainda com foco sobre como os momentos de desconforto emergiram ao longo da minha geração de dados, volto meus olhares para um segundo momento de análise, sendo que agora preocupo-me em entender como Lucas se sentiu após a interação que analisei anteriormente. Assim sendo, conversei com Lucas interessada em saber como ele se sentiu e quais foram suas impressões em nossa primeira conversa, dados estes que trago na seção 4.2 a seguir.

4.2 Segundo Momento: sobre como Lucas se sentiu a respeito de nossa conversa

Antes de iniciar uma reflexão sobre como Lucas se sentiu, julgo necessário dizer que não busco triangular as duas análises apresentadas com o intuito de chegar a alguma verdade final. Na realidade, tenho interesse em refletir sobre a percepção do professor participante da pesquisa acerca não só da interação ocorrida, mas também sobre como ele se sentiu como professor e participante de

uma pesquisa acadêmica. Acredito que, ao voltar ao participante, enriqueço este trabalho com pontos de vista diferentes sobre um mesmo tema, além de incluir o participante ainda mais na pesquisa. Dito isso, prossigo com a apresentação dos novos dados que gerei ao perguntá-lo sobre como se sentiu durante a conversa que tivemos.

Primeiro, preciso apontar que nossa interação mudou desde nossa entrevista. Enquanto que na primeira eu fui até sua casa a fim de conversarmos, nesse segundo momento enviei-lhe um áudio por *whatapp* já com as minhas formulações organizadas de maneira direta, como apresento abaixo.

Excerto 14

1	1	Gabriela	Oi Lucas como é que você tá? posso pedir
	2		uma aju:da? Então... eu tava aqui
	3		↓olhando... olhando >as conversas que a
	4		gente teve< né há um tempo atrás aquelas
	5		la é... do >meu trabalho< e eu queria
	6		saber se você <u>lembra</u> mesmo que seja por
	7		alto tá é... como é que você se <u>sentiu</u>
	8		durante a nossa primeira conversa. A
	9		primeira porque né foram duas né naquela
	10		<u>primeira</u> . Você ↑lem:bra como você se
	11		<u>sentiu</u> assim? Ou como você pode ter se
	12		sentido dura:nte ou um pouquinho depois
	13		talvez e uma outra coisa como que você
	14		acha que <u>eu</u> tava naquele dia como você
	15		acha que eu tava me sentindo naquele dia?
	16		Sabe tipo ... é... me ajuda aí por favor
	17		tá? hhh beijos

O áudio se inicia como se fosse uma conversa corriqueira, onde o cumprimento para, em seguida, começar a dizer o motivo do meu contato. Ainda que demore um pouco para indicar o propósito do contato, o faço de maneira bem rápida, levando-se em consideração que a gravação teve cerca de 45 segundos.

No entanto, mesmo com um áudio curto, percebo diversas nuances que auxiliam a análise do discurso desse excerto. Um deles diz respeito à insegurança que apresento ao longo de toda a fala. Ainda que a análise há pouco mostrada já tivesse sido feita de maneira superficial, tendo consciência, assim, das marcas de desconforto que apresentei durante a entrevista; repito-as quase todas nesse novo momento.

Uma delas é a hesitação para dar início ao que desejo comunicar. Hesito bastante, alongando minha fala ao dizer que preciso mais uma vez da ajuda de Lucas em *aju:da?* (linha 2), além de ser reticente em dois momentos então...(linha 2) e *olhando...* (linha 3).

Além disso, percebo grande dificuldade com a escolha das palavras, como em *olhando... olhando* (linha 3) e em *há um tempo atrás aquelas lá é... do >meu trabalho<* (linhas 4 e 5). Acredito que isso ocorreu justamente nos momentos onde precisava me referir a entrevista e ao trabalho, respectivamente, pois foi a maior preocupação que tive com ao me preparar para a entrevista, isso é, com a não ocorrência de assimetria na preparação. Ainda assim, vejo que o mesmo acontece com o segundo contato, onde demonstro preocupação com a definição de minha pesquisa para não criar uma nova relação assimétrica.

Accounts também aparecem no excerto 14, como em *eu queria saber se você lembra mesmo que seja por alto tá é...* (linhas 5,6 e 7), para mostrar meu desejo em evitar a criação de uma nova relação assimétrica. Ao pedir para que ele se expresse sobre como se sentiu durante a entrevista, ainda que seja uma pergunta inteiramente objetiva, não havendo a possibilidade de certo e errado, eu faço um *account* para que Lucas não se sinta pressionado ao respondê-la.

Outros momentos semelhantes com hesitações e reticências se apresentam, e acredito que isso ocorreu devido a uma insegurança minha. Como já havia reconhecido meu papel assimétrico com a primeira entrevista, e temendo repeti-la, acabo por manter o mesmo nível de desconforto antes apresentado, ainda que sem essa intenção. Vale ressaltar que optei por enviar o áudio sem uma pré-organização fechada sobre o quê ou como deveria falar. Julguei importante que minha manifestação natural seria mais interessante que reproduzir um texto já escrito para somente lê-lo ao mandar o áudio. Percebo, então, uma repetição do que acontecera durante a entrevista, ainda que em escala menor.

No entanto, Lucas se mostra um pouco diferente da primeira interação. Ainda que algumas marcas de desconforto se manifestem, percebo maior desenvoltura e desembaraço em sua fala, além de senso crítico mais apurado,

como apresento abaixo.

Excerto 15

2	18	Lucas	Então... no dia da nossa conversa ...
	19		e.eu... eu tava me sentindo um pouco
	20		desconfortá:vel porque... é é um assunto
	21		assim que eu não domino mui:to né aí eu
	22		tava né... meio assim... apreensivo
	23		>vamos dizer assim< mas... você se
	24		preocupou... com isso e eu n.não achei
	25		que você assim tava me <u>impondo</u> NADA ou
	26		forçando não sei a sua interpretação das
	27		coisas eu acho que você me deixou a
	28		vontade eu acho que tava mais tenso assim
	29		no início mas depois que foi indo eu fui
	30		ficando tranquilo assim de boa as vezes
	31		eu ficava um pouco com receio de falar
	32		<u>demaís</u> também e e e aí eu procurava
	33		filtrar um pouco as minhas respostas pra
	34		não ficar um negócio também muito é...
	35		prolixo eu só achei que... >eu achei que
	36		você conduziu bem< eu só achei assim que
	37		as vezes... você... meio que... assim
	38		você achava que eu não fosse saber alguma
	39		coisa e >aí você explicava um pouco
	40		DEMAIS sabe< entendeu tipo explicava
	41		demaís assim no iní... antes de... ao
	42		invés de dar a a chance pra ver se eu ia
	43		de <u>fato</u> entender.

No excerto 15, vejo que Lucas se mostra reticente ao longo de quase toda sua fala. Acredito que isso aconteceu pois se sentiu, mais uma vez, constrangido com a interação que mantivemos. Percebo tal desconforto tanto ao se referir à entrevista, como no segundo momento em e.eu... eu tava me sentindo um pouco desconfortá:vel porque... é é um assunto assim que eu não domino mui:to né aí eu tava né... meio assim... apreensivo >vamos dizer assim< mas... (linha 19 - 23). Creio que os novos gaguejos (e.eu...; é é um), hesitações (porque... ; né... meio assim...) e modalizações (um pouco desconfortá:vel ; não domino mui:to) são frutos de sua preocupação em como se manifestar visto que sabe que sua fala será analisada.

No entanto, também vejo que Lucas se expressa de maneira concisa,

manifestando sua opinião sobre seus sentimentos a respeito do dia da conversa, bem como sobre os meus. Vale ressaltar, que ele até mesmo se posicionou criticamente sobre a maneira que me dirigi a ele durante a entrevista em >eu achei que você conduziu bem< eu só achei assim que as vezes... você... meio que... assim você achava que eu não fosse saber alguma coisa e >aí você explicava um pouco DEMAIS sabe< entendeu tipo explicava demais assim no iní... antes de... ao invés de dar a a chance pra ver se eu ía de fato entender. (linhas 35 – 43). Acredito que, ainda que não tenha citado diretamente seu incômodo com a assimetria criada anteriormente, ele a traz à tona por ter sido sentida, ainda que não identificada.

É importante apontar que ainda que sejamos amigos próximos, não conversei com ele sobre as análises que estava fazendo ao longo do mestrado. Acredito que ao não conversar com ele sobre as interpretações que fazia, permiti que sua opinião sobre suas emoções fossem mais genuínas, sem interferências das observações já feitas por mim.

4.2 Sobre a entrevista e o desconforto

Observo, portanto, que a maneira como Lucas e eu nos comportamos ao longo da entrevista proposta se deu de maneira incômoda para ambos os lados. Os papéis que buscamos manter e/ou criar durante a conversa foi a principal causa de desconforto, uma vez que tentávamos a todo momento nos alinhar e nos desvencilhar da atmosfera assimétrica que se criou. De acordo com De Fina, Schiffrin e Bamberg (2006, p.22), “a identidade não corresponde a algo que os falantes 'possuem', mas sim algo que emerge através das práticas interacionais – incluindo a forma de se empregar a linguagem – contextualizadas”, assim sendo, necessitando ser negociada ao longo da interação, como aconteceu nos dados aqui analisados.

Para que essas identidades fossem negociadas, percebi que os *accounts* foram uma das principais ferramentas utilizadas por nós dois para nos (re)construirmos discursivamente. Enquanto tento a todo momento não parecer superior a Lucas, intercalando momentos que me certificam como professora

assim como Lucas, mas também meu papel social de acadêmica; Lucas, por sua vez, o faz ao se justificar sobre o seu aparente não saber, ainda que se construa como um bom professor, independente de seu não conhecimento teórico sobre determinado tema.

Além disso, acredito que ao propor uma entrevista semiestruturada onde os participantes têm liberdade para se expressar, não só respondendo a perguntas diretas, creio que pude perceber de que forma uma entrevista pode ser analisada pelo viés proposto por Mishler, como um evento social, como bem define Goffman (2012b, p.97):

Um encontro social é uma ocasião de interação face a face, começando quando os indivíduos reconhecem que se moveram para a presença imediata uns dos outros e terminando com uma retirada aceitável de participação mútua.

Digo isso, pois ao optar por analisá-la pela lente dos estudos interacionais com foco em dados naturalísticos, reforço a concepção de que os dados que emergem de entrevistas semiestruturadas também se apresentam como eventos sociais.